


Narrativas de Crianças das Comunidades Sol Nascente e Pôr do Sol

Children's Narratives from the Sol Nascente and Pôr do Sol Communities

 Nayla Nobre Paim *
Helma Costa dos Santos **
Maria Lídia Bueno Fernandes ***

Recebido em: 5 abr. 2023
Aprovado em: 15 jul. 2023

Resumo: O artigo em tela apresenta um recorte de uma dissertação de mestrado, na área da Educação, desenvolvida na Universidade de Brasília, sobre os percursos e as narrativas das crianças moradoras da Região Administrativa do Sol Nascente e Pôr do Sol, Distrito Federal. Aborda as potencialidades infantis e suas vivências protagonistas ao narrar seus caminhos, o objetivo da investigação foi conhecer o olhar singular das crianças sobre sua cidade, compreendendo as especificidades desse território e as múltiplas formas de apropriação, vivência e reelaboração do/no espaço. O emprego de metodologia qualitativa, com pesquisa de campo que acionou a participação visual e coleta de dados com base em tecnologias digitais, propiciou adentrar o universo infantil em suas experiências espaciais. A base teórica dialogou com os conhecimentos das Ciências Sociais, em especial, com a Geografia e a Sociologia das Infâncias. Concluiu-se que as crianças que se apropriam dos espaços vividos, dialogam com estes e constroem sua identidade espacial de modo potente e protagônico, para além da lógica dos adultos.

Palavras-chave: Infância. Percurso. Narrativas infantis.

Abstract: This article presents a segment originates from a master's thesis in the field of Education conducted at the University of Brasília related to the paths and narratives of children residing in the Administrative Region of Sol Nascente and Pôr do Sol in the Federal District. By delving into the potentials of children and their firsthand experiences as storytellers, the research aimed to uncover the distinctive perspectives of these children regarding their city. It sought to comprehend the unique characteristics of this territory and the diverse ways in which children appropriate, experience and re-elaborate the spaces around them. Employing a qualitative methodology with field work that uses visual participation and utilizing data collection and digital technologies, to provide an opportunity to enter the children's universe in their spatial experiences. The theoretical framework integrated insights from the Social Sciences, particularly Geography and Sociology of Childhood. It was concluded that children who appropriate their lived spaces, dialog with them, and build their spatial identity in a powerful and leading way, beyond the logic of adults.

Keywords: Infancy. Path. Children's narratives.

* Nayla Nobre Paim é mestra em Educação pela Universidade de Brasília (2019). Pós-graduada em Tradução Espanhol/Português pela Universidade Gama Filho (2011), licenciada em Letras Espanhol (2008) e Letras Português (2011) pela Universidade de Brasília (UnB), licenciada em Pedagogia pela Universidade Novo Horizonte (2018). Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

** Helma Costa dos Santos é graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário de Brasília (2005), em Estudos Sociais pela União Pioneira de Integração Social (2005) e mestre em Educação pela Universidade de Brasília (2018). Professora na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Contato: helmapsicopedagoga@gmail.com

*** Maria Lídia Bueno Fernandes é graduada e licenciada em Geografia pela Universidade de São Paulo (1987), doutora em Geografia (2009) pela Universidade de São Paulo. Professora de Didática da Geografia na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília - UnB e professora pesquisadora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação - PPGÉ.

Introdução

O presente artigo, fruto de uma pesquisa de mestrado, na área da Educação, desenvolvida na Universidade de Brasília (UnB), no período de 2018-2019, trata das questões da infância em uma unidade censitária denominada Sol Nascente e Pôr do Sol, no Distrito Federal. Para tal, trabalhou-se, a partir dos pressupostos da Geografia e da Sociologia das Infâncias, estabelecendo diálogo com os autores que se opõem à tentativa de normalização e normatização dessas infâncias e de seus tempos/espacos, ao mesmo tempo em que acolhem as narrativas de crianças sobre suas realidades espaciais, suas expressões sobre formas de ser criança, suas visões de mundo (LOPES; FERNANDES; BARBOSA, 2019) e, sua autoria a partir de suas múltiplas possibilidades de expressão.

Interessa-nos, a partir da análise da realidade social e das formas como são desenvolvidas as práticas sociais em suas relações espaciais via narrativas infantis, conhecer a experiência espacial das crianças da localidade. Sobre a questão, Debortoli e Martins (2008, p. 39) afirmam que “pensar o espaço como prática social significa pensar a sua apropriação, e esta não se reduz à representação do espaço. Refere-se ao sentimento de pertencimento, à compreensão do vivido para além do espaço geométrico”. Assim, entende-se que as crianças vivenciam e experimentam o mundo de um modo específico e diferente dos adultos. São muitas as formas de pensar essa vivência, muitos autores abordam a questão da escala das crianças, ao circular pelas ruas das cidades, nem sempre amigáveis e adequadas ao seu passo, olhar, tempo, dinâmica, entre outros. Há também, autores que se debruçam sobre a temática da cidade amiga das crianças, e dialogam com aqueles que, reivindicam, uma cidade em que prevaleça o balé espontâneo nas calçadas de uma rua menor, onde todos são identificáveis e discerníveis, essa ideia tão bem abordada por Jacobs (2009) é retomada por Tavolari (2019), de forma que os diversos usos das ruas e dos espaços públicos adentram o debate urbanístico, em uma ciranda de miradas múltiplas.

Em termos metodológicos, o presente estudo realizou uma pesquisa participativa visual, definida por Kullman (2012) como a possibilidade de conjugar diversidade e autonomia, de modo a conhecer as concepções das crianças acerca de seu território. Assim, ao conjugar a filmagem – com a utilização do Global Positioning System (GPS) para identificar o caminho – o desenho e suas narrativas, debruçou-se sobre as contribuições das crianças partícipes da pesquisa, para, de fato, dialogar com elas em relação à cidade e sua vivência espacial, de forma a conhecer o olhar singular das crianças sobre sua cidade e compreender as especificidades desse território, bem como as múltiplas formas de apropriação, vivência e reelaboração deste por elas.

Por se tratar de um estudo com a participação de crianças, a presente pesquisa foi submetida e aprovada junto ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de Brasília (CEP-UnB), sob o parecer nº 3.070.904, depois do consentimento documentado dos responsáveis pelas crianças, conforme as exigências do conselho de ética.

Assim, o texto, além desta seção introdutória, apresenta mais três seções, seguidas das considerações finais. A seção a seguir - “Pensar as infâncias e suas idiossincrasias” - traz os aportes teóricos basilares do trabalho. Na sequência, a seção “O contexto da pesquisa” aborda as questões importantes para a compreensão da localidade e do processo de coleta dos dados. A seção subsequente, dedicada à metodologia, tem como intuito apresentar os sujeitos envolvidos no estudo e o modus operandi da coleta dos dados obtidos. Por fim, têm-se as considerações finais, que trazem uma síntese das questões levantadas, sinalizando para aspectos importantes na reflexão das expressões e apropriações espaciais das crianças.

Pensar as infâncias e suas idiossincrasias

Rumo às análises apresentadas pela Sociologia, faz-se importante referenciar a infância em relação ao seu estatuto social, bem como lançar algum olhar sobre as crianças em suas vidas cotidianas na comunidade aqui pesquisada: a Região Administrativa do Sol Nascente e Pôr do Sol (RA XXXII), Distrito Federal.

Os diferentes modos de compreender a infância ao longo da história da humanidade apontam a existência de variados modos de percepção das crianças, de suas necessidades, potencialidades e espacialidades. Sarmiento e Pinto (1997), por exemplo, a partir das teses de Qvortup (1993), apontam para a existência de ambiguidades envolvendo infância e juventude nos diferentes cenários da atualidade, independentemente da condição social encontrada. Tais apontamentos dizem respeito à visão adultocêntrica que confina, inviabiliza, segmenta, tolhe e dociliza a infância.

Nesse contexto, sob as regras das diferentes instituições em que as crianças são confinadas, entre a vigilância e o controle, entre o silenciamento e o apagamento, as cidades são construídas destinando espaços próprios para a construção da infância e da juventude hodiernas. Entre discursos de protagonismo e autonomia, que repetem a lógica neoliberal e permitem ao Estado delegar as responsabilidades às próprias crianças e a seus pais (excluídos, subalternizados, precarizados), escondem-se decisões que reduzem, sobremaneira, a participação das crianças na construção social. Sobre a questão, Qvortup (1995 apud SARMENTO; PINTO, 1997, p. 9) alerta para o discurso dos adultos sobre a ação de ofertar prioridade às crianças:

Quanto ao estatuto social, a condição paradoxal exprime-se, como sumaria Jens Qvortup, no facto de os adultos desejarem e gostarem das crianças, apesar de “produzirem” cada vez menos crianças e cada vez disporem de menos tempo e espaço para elas; no facto de os adultos acreditarem que é bom para as crianças e os pais estarem juntos, mas cada vez mais viverem o seu quotidiano separados uns dos outros; no facto de os adultos valorizarem a espontaneidade das crianças, mas as vidas das crianças serem cada vez mais submetidas às regras das instituições; no facto de os adultos postularem que deve ser dada a prioridade às crianças, mas cada vez mais as decisões políticas e económicas com efeito na vida das crianças serem tomadas sem as ter em conta.

De acordo com Sgritta (apud SARMENTO; PINTO, 1997), existem inconsistências visíveis na agenda política relacionada à infância. Como expressão tangível desse paradoxo, tem-se a ideia de ser atribuído às crianças o futuro do mundo em um presente permeado de opressão. Além disso, a infância, enquanto categoria geracional e social, reflete tanto o valor que lhe é atribuído quanto a natureza paradoxal e controversa dos debates e das concepções da sociedade (SGRITTA apud SARMENTO; PINTO, 1997).

Segundo Freire (1996, p. 05), ao mesmo tempo em que o “ideário neoliberal incorpora, entre outras, a categoria da autonomia, é preciso também atentar para a força de seu discurso ideológico e para as inversões que pode operar no pensamento”, pois as práticas sociais destinadas às crianças, inclusive as pedagógicas, estão permeadas de estímulo ao individualismo e à competitividade.

Tem-se ainda a velha teoria da criança como “homúnculo” – ser humano minatural em processo de crescimento (ROSSI, 2008) –, que desconsidera a autonomia como condição de desenvolvimento, o que, curiosamente, ao invés do paternalismo, faz coincidir a proteção com a participação, retirando das crianças a condição de atores sociais.

Os próprios estudos e pesquisas relacionados à infância, advertem Sarmiento e Pinto (1997, p. 22), por vezes, mesmo reconhecendo o estatuto das crianças como atores sociais, “desconsideram a auscultação de suas vozes, subestimando suas capacidades de atribuir sentido às suas ações e aos seus contextos”.

De fato, o estudo das crianças necessita levar em conta os contextos sociais e os diferentes modos de agir socialmente. Sobre a questão, Sarmiento e Pinto (1997, p. 11) apontam para a essencialidade de consideração da infância em relação à categoria social e à “multivariabilidade síncrona dos níveis e factores que colocam cada criança na posição específica na estrutura social”.

Assim, o estudo da criança, realizado a partir do seu próprio prisma, propicia descobrir outra perspectiva social que surge das interpretações que ela tem da realidade do mundo que a circunda. A criança tem a habilidade de lançar luz a fenômenos que os adultos, muitas vezes, invisibilizam.

Em suma, se escutar as crianças torna-se uma condição importante para adentrar e conhecer a cultura infantil, é necessário também alçar “uma autonomia conceptual que supõe o descentramento do olhar adulto como condição de percepção das crianças e inteligibilidade da infância (SARMENTO; PINTO, 1997, p. 27). Assim, na empreitada em tela, foi perseguida a máxima da auscultação das vozes das crianças da RA XXXII, Distrito Federal.

Contexto da pesquisa e percurso metodológico

As cidades sempre foram lugares de desenvolvimentos geográficos desiguais [...], mas as diferenças agora se proliferam e se intensificam de um modo negativo e até mesmo patológico que inevitavelmente lança sementes de um conflito civil. A luta contemporânea para absorver o capital excedente em uma fase frenética da construção da cidade [...] contrasta dramaticamente com um planeta mutante de favelas que proliferam (DAVIS, 2006, p. 16).

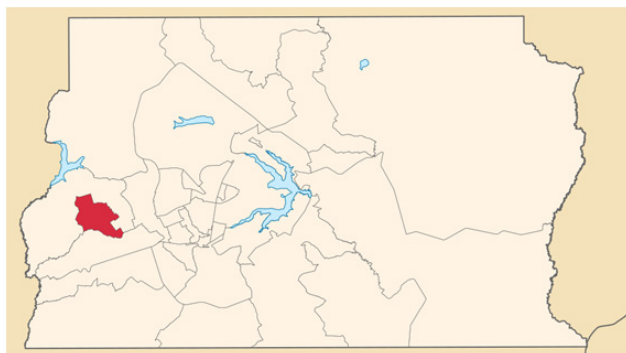
Brasília: capital do Brasil, cidade planejada, que nasce com a perspectiva de superação do “atraso” de um país ainda com características agroexportadoras em busca da consolidação de um país urbano-industrial – “um Brasil moderno”. Sua arquitetura arrojada promete aos inúmeros visitantes a sensação de estar em uma civitas e a seus moradores uma vida generosa e de boa qualidade. E, ainda, tem-se a lógica da cidade jardim, a sensação de se viver em uma cidade pequena, proporcionada pela estruturação das superquadras e pelo discurso de aproximação das pessoas de diferentes classes sociais e âmbitos culturais.

A capital federal, no entanto, não concretiza esse discurso democrático, pois a massa de trabalhadores da construção civil que rumou a Brasília para construir o sonho dos brasileiros, submetendo-se às jornadas extenuantes de trabalho, com riscos de acidentes, foi removida para as cidades afastadas do moderno centro, conformando uma cidade polinucleada e atravessada por desigualdades.

Assim, Brasília configura-se como uma cidade onde o moderno convive explicitamente com o arcaico, tombada como Patrimônio da Humanidade e marcada pela segregação espacial e pela exclusão dos trabalhadores que construíram o que se denomina, ainda hoje, Plano Piloto.

Em contrapartida, tem-se a Região Administrativa (RA) de origem da localidade Sol Nascente e Pôr do Sol: Ceilândia (RA IX) – fundada em 1971, que nasceu estigmatizada (Campanha de Erradicação de Invasões – CEI), tendo sido concretizada em resposta ao grande fluxo migratório decorrente da construção da capital federal do Brasil na década de 1950 (LOPES; FERNANDES; BARBOSA, 2019).

Figura 1 – Mapa do Distrito Federal apontando a Região Administrativa do Sol Nascente e Pôr do Sol



Fonte: <http://www.solnascente.df.gov.br/>

Diante do exposto, o presente estudo teve como foco de interesse a Região Administrativa Sol Nascente e Pôr do Sol (vide Figura 1), que, por 20 anos, fez parte da Região Administrativa de Ceilândia, tornando-se independente em 2019, quando passou a compor a RA XXXII. Localizada a 34 quilômetros de Brasília, é considerada uma das maiores ocupações da América Latina e a maior favela do Brasil (BRASIL 247, 2023), surgindo a partir de 1990, sendo ocupada, de forma intensificada, a partir dos anos 2000. Nasceu do parcelamento das chácaras cedidas pela Fundação Zoobotânica do Distrito Federal (FZDF) para produção hortifrutigranjeira. Enquadra-se como uma unidade censitária com prevalência de moradias precárias, ruas sem asfalto e construídas fora de planejamento, além da falta de coleta de esgoto, escolas e hospitais – o que Paviani denomina como “falta de serviços do Estado” (PAVIANI, 2010, p. 215).

Metodologia

Assim, o presente estudo fez parte de uma pesquisa realizada no âmbito de um curso de mestrado, cujo objetivo foi ouvir as crianças que ali residiam, mapear suas ações, dialogar com elas e colocar no papel o que elas

Quadro 1 – Descrição das crianças partícipes da pesquisa

Pseudônimo	Idade	Sexo	Quantidade de irmãos	Profissão dos pais
Cris (gêmea da Maria Antonieta)	8 anos	F	5	Mãe: desempregada Pai: está preso
Maria Antonieta	8 anos	F	5	Mãe: desempregada Pai: está preso
Carlos Henrique (irmão do César)	9 anos	M	5	Mãe: desempregada Pai: ajudante de pedreiro
Meggie	9 anos	F	4	Mãe: desempregada Pai: está preso
Natalia	11 anos	F	1	Mãe: desempregada Pai: ajudante de pedreiro
César	6 anos	M	5	Mãe: desempregada Pai: ajudante de pedreiro

Fonte: elaboração própria.

Figura 2 – Entrada da chácara visitada na pesquisa



Fonte: acervo da pesquisa.

tinham a dizer sobre suas vidas, sua cidade e seus sonhos.

Empreendeu-se uma pesquisa qualitativa, combinando narrativa e métodos visuais, fundamentada na perspectiva de que nessas narrativas, direcionadas a outras crianças, à comunidade, aos professores, entre outros, elas - crianças, como sujeitos situados, “expressam seus horizontes de futuro, a partir de suas ações e dos seus movimentos” (MEDINA MELGAREJO, 2018, p. 681, tradução nossa).

Na localidade supramencionada, há uma chácara à qual as crianças imputam grande importância (Figura 2). Nessa toada, foi possível lançar olhar sobre tal espaço, perfazendo um percurso narrado até o local com seis crianças. Nessa caminhada, as crianças apontavam as plantas, as flores e os frutos que conheciam, contavam histórias sobre suas visitas anteriores ao local, suas vidas, tecendo comentários sobre a chácara, sobre o Sol Nascente e Pôr do Sol, entre outras ações. O convite para que as crianças participassem da presente pesquisa se deu na instituição Obras Sociais “O Consolador”, localizada na comunidade Sol Nascente e Pôr do Sol. Ali são atendidas crianças, jovens e adultos que recebem amparo emocional e material. A autorização para participação se deu via termos exigidos pelo CEP-UnB, onde

a pesquisa foi submetida e aprovada. Para tanto, solicitou-se que as crianças escolhessem um pseudônimo para se identificar, buscando, assim, evitar sua invisibilidade com o uso de suas iniciais ou outras nuances que não fossem atribuições próprias, observando as considerações sobre a ética na pesquisa de Kramer (2002).

Assim, no presente estudo, seis crianças aceitaram o convite para o percurso narrado à chácara, conforme apontado no Quadro 1.

Kullman (2012) ressalta que os métodos visuais auxiliam no potencial criativo, promovendo, por meio da participação das crianças, conexão entre a mídia visual e o seu cotidiano. Assim, para o registro do percurso aqui empreendido, as crianças fizeram uso de câmera portátil, sendo posicionada em um bastão, que filmou as imagens e gravou o som. Além disso, para medir a distância, o tempo e a representação gráfica do trajeto, fez-se uso, no smartphone, do aplicativo Strava (Figura 3).

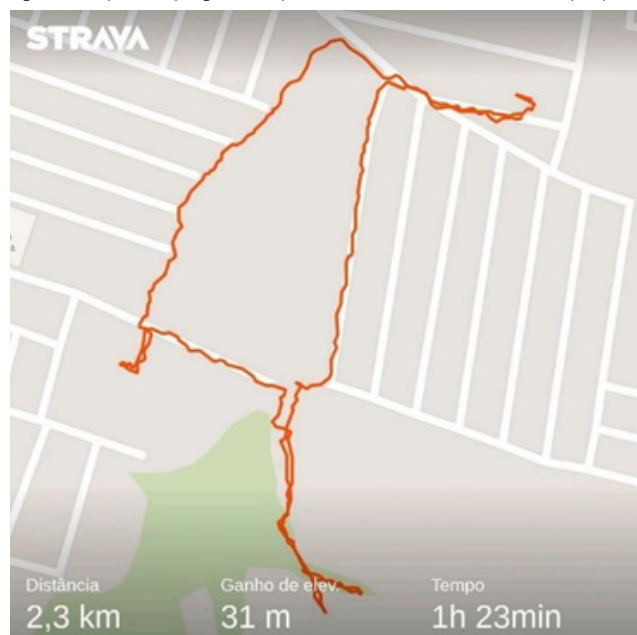
Narrando o percurso

A chácara visitada na presente pesquisa é uma região de vegetação relativamente conservada no Trecho III da RA XXXII. Para as crianças partícipes, ela é território que representa alegria e diversão, ao passo que, para os adultos, é um lugar perigoso, de “desova” de corpos e carros roubados, além de consumo de drogas ilícitas e atividades sexuais. De todo modo, as crianças percebem, experimentam e vivenciam o mundo e seus espaços com lógica diferente dos adultos.

O percurso começou com um lanche oferecido às crianças, uma vez que o trajeto se deu logo no início da manhã, partindo-se da instituição Obras Sociais “O Consolador”. Durante o percurso, as crianças foram se revezando na posse da câmera, sendo o equipamento motivo de disputa entre elas.

O trajeto durou 1h23min, tendo sido percorridos 2,3km. Na representação gráfica do GPS evidenciada na Figura 3, foi possível identificar, pela marca verde, a região de vegetação conservada onde está localizada a chácara visitada.

Figura 3 – Representação gráfica do percurso narrado à chácara visitada na pesquisa



Fonte: STRAVA

Figura 4 – Percorrendo as ruas do Sol Nascente e Pôr do Sol



Fonte: acervo da pesquisa.

De fato, percorrer, filmar e descrever o território das crianças diz muito sobre elas, considerando a influência do território na produção da infância. Sobre a questão, Fernandes (2017, p. 30) assevera que “abordar as vivências infantis atreladas aos contextos culturais lança luz ao protagonismo da criança na produção do espaço”. Nesse sentido, aqui, a noção de protagonismo infantil reconhece que elas são produtoras de culturas e agentes sociais. Assim, Hartmann (2018) observa que, a partir do momento em que ampliamos nossa escuta e abrimos um diálogo verdadeiro com as crianças, podemos compreender suas visões de mundo, suas críticas, seus posicionamentos e suas percepções.

Conforme apresenta a Figura 4, em grande parte das ruas da RA XXXII, não há asfalto ou calçadas. Assim, o percurso se deu pelo meio de ruas que se encontravam bastante enlameadas e escorregadias por conta da estação das chuvas. Apesar disso, as crianças ali caminhavam com habilidade, em meio às pedras, ao lixo e ao entulho, demonstrando sua ligação com o território, (re)conhecendo o espaço geográfico que habitam.

Sobre o comportamento das crianças no percurso em comento, Meggie, uma menina de nove anos de idade, mostrou resistência com a troca da câmera, demonstrando, inclusive, certa irritação, quando era interrompida em sua fala. Estudante de uma escola pública integral localizada na zona rural da Região Administrativa de Ceilândia (RA IX), Distrito Federal, ela relatou morar com a mãe, que está desempregada, e outros quatro irmãos. Além disso, seu pai, infelizmente, está preso.

Conforme aquilo que se vivenciava no percurso em questão, foi possível perceber que as crianças partícipes tinham considerável ligação com o território e, por isso, detinham boa noção espacial e geográfica. Assim, durante o percurso, elas apontavam as casas que tinham cachorro, a quantidade de animais e sua raça, sabendo, até mesmo, se o cachorro era bravo ou não.

Figura 5 – Cris mostrando as flores do Sol Nascente e Pôr do Sol



Cris: Olha, gente! Ali tem um pé de goiaba nascendo!
Cris: Aqui é um pé de manga!
Cris: Lá tem um tantão de árvores, só não pode chegar muito perto porque tá cheio de mato!
Cris: Gente! Olha aquela flor! Muito bonita, ela!
Cris: Vou chegar um pouquinho mais de perto para vocês verem a flor!
Cris: Olha aqui! Os homem matou as árvores!
Cris: Olha lá que bonito! Olha os abacate!

Fonte: acervo da pesquisa

Cris, uma menina de oito anos de idade, outra partícipe do percurso em tela, também se destacou na presente pesquisa, demonstrando boa comunicação das suas ideias. Estudante de uma escola pública integral na zona rural da RA IX, Distrito Federal, ela relatou ter cinco irmãos e morar com a mãe e a avó. Durante o percurso, demonstrou relação próxima com a natureza. Dessa forma, quando se encontrava de posse da câmera, buscava mostrar as árvores, as plantas, as flores e os frutos que encontrava no percurso, mapeando os pontos de vegetação no decorrer das ruas por que passava. Aqui, vale destacar as seguintes palavras de Lopes e Vasconcellos (2006) de que as crianças promovem ações no espaço concebido que o transformam e o reconfiguram como lugares e territórios.

A RA XXXII tem sua localização em uma região de área de preservação ambiental. Assim, devido à ocupação irregular e à falta de infraestrutura, muitas nascentes desapareceram, ao passo que algumas ainda persistem. Nesse sentido, quando do percurso, foi possível encontrar um “fio” de água, possivelmente, um

Figura 6 – Percurso rumo à chácara visitada na pesquisa



Fonte: acervo da pesquisa

resquício de alguma nascente. As crianças partícipes, indagadas sobre para onde iria aquela água, assim responderam: “Ela vai pro meio daquele mato! Lá é cheio de sapo, cobra e jacaré!”. Aqui vale destacar que Meggie passa pelo meio “daquele mato” para ir e voltar da escola – trajeto que faz sozinha até o ponto de ônibus.

Lopes (2018) destaca que a infância ocorre nos espaços de produção de suas culturas, nas territorialidades infantis, que são as geografias construídas pelas crianças. Assim, a chácara visitada poderia ser considerada um território de infância no Sol Nascente e Pôr do Sol. As territorialidades infantis são os lugares destinados às crianças pelos adultos: “[...] toda criança é criança de um local, para cada criança do local existe também um lugar de criança, um lugar social designado pelo mundo adulto e que configura os limites da sua vivência” (LOPES, 2018, p. 24).

Alguns relatos das crianças partícipes da pesquisa

Cris: Vem, César! Você que sabe andar aqui, vem que eu não quero me perder, não! Vai César! Você que é homem! Vai também, Tio Cristian! As mulheres ficam atrás.
Carlos Henrique: Eu não sou homem, não! Sou criança.
Cris: Mas vai na frente! Você é menino.
Cris: Ai gente! Eu tô morrendo de medo! Olha esse mato! (risos). O César é corajoso. Vai na frente.

César, de 11 anos de idade, outra criança partícipe do percurso, mora com os pais e dois dos irmãos. Estudante de uma escola pública na RA IX, ele demonstrou conhecer bem a região, tanto que as demais crianças confiaram a ele a condução do percurso.

Nas narrativas da presente pesquisa, César afirmou não ter medo e que vai a todos os lugares do Sol Nascente e Pôr do Sol. Sua situação socioeconômica indica

Figura 7 – Desenho na areia retratando a cena de queda do pesquisador e de uma criança no percurso rumo à chácara visitada na pesquisa



Fonte: acervo da pesquisa

vulnerabilidade, tendo que vista que os pais estão desempregados. Seu pai, eventualmente, realiza alguns trabalhos informais. Um dos irmãos, de 16 anos de idade, já foi apreendido várias vezes por tráfico de drogas.

As histórias e geografias de César são edificadas por meio da relação de pertencimento e construção de seus territórios de infância. Sobre a questão, Santos (1999, p. 8) observa que “o território tem que ser entendido como o território usado, [pois] o território usado é o chão mais identidade”. Assim, poder usar, conhecer e percorrer livremente a RA XXXII contribui para a construção dessa criança.

Na atividade que apresentamos neste trabalho, foi possível notar que as crianças criam motivos de riso e de brincadeira. Assim, o momento em que uma abelha apareceu, foi motivo de muitos gritos e risos. Outro momento de riso compartilhado foi quando um dos pesquisadores caiu, uma vez que o chão estava bem escorregadio por estarmos no período da chuva. A cena foi tão divertida que Natália, de 11 anos de idade, outra criança participante da pesquisa, retratou o momento com um desenho na areia no chão (Figura 7).

Em um trecho do percurso em comento, o mato se mostrou bastante fechado e o piso muito escorregadio. Por conseguinte, optou-se por voltar e rumar ao campinho de futebol criado pelas crianças, onde passam longas tardes jogando bola. De fato, no percurso empreendido, percebeu-se que as crianças detinham certas habilidades para evitar as quedas, fazendo uso de pedaços de galho como cajados, o que ajudava a vencer o trajeto escorregadio. Para Gomes e Gouvea (2008, p. 57), “a criança habitante

da favela mostra-se possuidora de competências corporais e simbólicas que subvertem o lugar social desqualificado assumido em outros espaços”.

Assim como argumentam Haesbaert e Limonad (1999, p. 9), as crianças do Sol Nascente e Pôr do Sol constroem seus territórios e são construídas por eles, ou seja, “os homens, ao tomarem consciência do espaço em que se inserem (visão mais subjetiva) e ao se apropriarem ou, em outras palavras, cercarem este espaço (visão mais objetiva), constroem e, de alguma forma, passam a ser construídos pelo território”.

Considerações finais

Conceber que a infância pode e é vivenciada em cada lugar, de forma única e irrepetível, sem um modelo a ser seguido permite ampliar a mirada e aguçar as possibilidades de escuta e apreensão das vozes e expressões desses sujeitos. Considerar a vivência espacial na constituição e no desenvolvimento das crianças, bem como, considerar as experiências do brincar, das relações entre pares e da vivência em sua cidade, em seu cotidiano, permite descobertas e abertura de espaço para a participação e o protagonismo.

As novas possibilidades das tecnologias digitais (smartphones e GPS, por exemplo), sem dúvida, apresentam formas criativas e adaptativas de visualizar as geografias e as mobilidades diárias das crianças¹.

Ao focar na atividade e na atitude das crianças frente ao espaço urbano visitado na presente pesquisa, foi possível reafirmar o conceito de “crianças cirandeiros”, que são aquelas que, mesmo tendo em contextos adversos, desenvolvem suas autorias nos espaços urbanos e, a partir de suas lógicas, criam espacialidades próprias, em seus grupos ou de forma individual, mas todas marcadas pela singularidade (LOPES; FERNANDES; BARBOSA, 2019).

De fato, nas narrativas aqui apresentadas, foi possível identificar histórias outras que envolviam amigos, pais, outros parentes, em que as crianças informaram sobre as relações e os laços afetivos com outras pessoas de sua vizinhança. Sobre a questão, Saraiva (2014) destaca que essa rede de relações situadas (com coisas, objetos, pessoas e equipamentos, por exemplo), na qual as crianças estão inseridas, constitui uma paisagem específica sobre a cidade que habitam.

Em suma, as crianças são habilidosas na conversão de espaços em lugares, empregando-lhes suas vivências e experiências, transformando-os de acordo com suas necessidades brincantes que, por vezes, estão em desacordo com as lógicas adultas estabelecidas para aquele espaço, mas justificadas por lógicas infantis próprias. ■

Notas

- ¹ Projetos recentes, especialmente, começaram a delinear as possibilidades emergentes de tecnologias digitais, como câmeras de celular e ferramentas do Sistema de Posicionamento Global, argumentando que elas oferecem formas adaptáveis e criativas de visualizar as geografias e mobilidades cotidianas das crianças.

Referências

- DAVIS, Mike. **Planeta favela**. São Paulo: Boitempo, 2006.
- DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; MARTINS, Maria de Fátima Almeida; MARTINS, Sérgio (Orgs.). **Infâncias na metrópole**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. Abordagens etnográficas nas pesquisas com crianças e suas culturas. **GT: Educação da Criança de 0 a 6 anos**, [s. l.], n. 7, [n. p.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.anped.org.br/sites/default/files/gt0781int.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2023.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOMES, Ana Maria Rabelo; GOUVÊA, Maria Cristina Soares. A criança e a cidade: entre a sedução e o perigo. In: DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; MARTINS, Maria de Fátima Almeida; MARTINS, Sérgio (Orgs.). **Infâncias na metrópole**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 47-70.
- FERNANDES, Maria Lídia Bueno. Protagonismo infantil e cultura em território quilombola. In: **Bienal Iberoamericana de Infância e Juventude**, 2., Manizales, 2017. Anais... Manizales, 2017. p. 28-35.
- HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. O território em tempos de globalização. **Geo UERJ Revista do Departamento de Geografia**, UERJ, Rio de Janeiro, n. 5, p. 7- 19, 1999. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/49049/32762>. Acesso em: 4 abr. 2023.
- HARTMANN, Luciana. “Eles brincam de guerra mundial”: protagonismo infantil em narrativas de crianças imigrantes. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, MG, v. 23, n. 3, p. 923- 942, set./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/20109/10694>. Acesso em: 4 abr. 2023.
- KRAMER, Sônia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, [s. l.], n. 116, p. 41-59, jul. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/LtTkWtfzsbJj8LcPNzFb9zd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 abr. 2023.
- KULLMAN, Kim. Experiments with moving children and digital cameras. **Children’s Geographies**, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 1-6, fev. 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/254237825_Experiments_with_moving_child ren_and_digital_cameras. Acesso em: 4 abr. 2023.
- LOPES, Jader Janer Moreira. **Geografia e Educação Infantil: espaços e tempos desacostumados**. Rio de Janeiro: Mediação, 2018.
- LOPES, Jader Janer Moreira; FERNANDES, Maria Lídia Bueno; BARBOSA, Maria Andreza Costa. Crianças cidadeiras: vivências nos espaços tempos brasileiros. **Cadernos de Pesquisa em Educação** – PPGE/UFES, Vitória, a. 16, v. 21, n. 49, p. 38- 59, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/educacao/article/view/26100/pdf>. Acesso em: 4 abr. 2023.
- LOPES, Jader Janer Moreira; VASCONCELLOS, Tânia de. Geografias da infância: territorialidades infantis. **Currículos sem Fronteiras**, [s. l.], v. 6, n. 1, p. 103-127, jan./jun. 2006.
- MEDINA MELGAREJO, Patrícia. “La escuela de Manuela”. Infancia y memoria. Zonas de experiencia y conotopos en contextos de movilización social. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, MG, v. 23, n. 3, p. 677-704, set./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/20097/10682>. Acesso em: 4 abr. 2023.
- PAVIANI, Aldo. Geografia urbana: pauta de problemas/ soluções para agendar. **Cidades**, [s. l.], v. 7, n. 12, p. 207-225, 2010.

ROSSI, Roberto de. **Direitos da criança e educação**: construindo e ressignificando a cidadania na infância. 2008. 214 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, 2008.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. **GEOgraphia**, [s. l.], a. 1, n. 1, p. 7-13, 1999. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13360/8560>. Acesso em: 4 abr. 2023.

SARAIVA, Marina Rebeca de Oliveira. **Espacialidades da infância**: etnografia das redes de relações de crianças ricas na cidade de Fortaleza-CE. 2014. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-31072015-103544/publico/2014_MarinaRebecaDeOliveiraSaraiva_VOrig.pdf. Acesso em: 4 abr. 2023.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. (Orgs.). **As crianças**: contextos e identidades. Braga: CEC-UMinho, 1997. p. 9-30.

SOL Nascente, no DF, se torna a maior favela do Brasil. *Brasil 247*, [Brasília], 17 mar. 2023. Disponível em: <https://www.brasil247.com/regionais/brasil/sol-nascente-no-df-se-torna-a-maior-favela-do-brasil>. Acesso em: 4 abr. 2023.

TAVOLARI, Bianca. Jane Jacobs: contradições e tensões. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, São Paulo, v. 21, n. 1, p.13-25, jan./abr. 2019.